

UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS CRÍTICOS SOBRE TÁCITO EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX*

Ygor Klain Belchior**

RESUMO

*Esse artigo tem como objetivo analisar os estudos críticos sobre Tácito em Portugal no século XIX. Nossa proposta é trazer à luz algumas das leituras realizadas na conjuntura lusófona que acompanhou a grande tendência europeia de se ler as obras do historiador latino como objeto de contestação dos regimes absolutistas. O trabalho se insere em um debate sobre a recepção das obras taciteanas em Portugal e no Brasil. Para tanto, partiremos da exposição da primeira tradução da obra *Anais*, de Tácito, para o português e iremos relacioná-la com o contexto da luta contra o regime absolutista português e a ascensão dos movimentos liberais em Portugal.*

PALAVRAS-CHAVE: *Absolutismo. Portugal. Tácito.*

INTRODUÇÃO: VIDA E OBRA DE TÁCITO

Mas há talvez alguma coisa simbólica e mais imediata a ser dita sobre Tácito, ele desenvolveu um interesse por homens e mulheres individualmente. Ele escreveu como um homem que estava dentro do processo de corrupção tirânica que descrevia. Ele nos fez perceber que nós, também, estamos dentro (MOMIGLIANO, 2004, p. 185).

A vida e a obra de Tácito têm sido objeto de estudo desde o Renascimento até os dias atuais.¹ Nesse aglomerado de leituras, e cabe dizer que orientadas por diferentes preocupações históricas, foi construído um debate muito promissor a

* Esse artigo é o resultado do trabalho em conjunto entre o Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR – UFOP) e o Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade, com referência especial à atenção do “taciteano” Professor Valdeí Lopes de Araújo.

** Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: ygorklain@gmail.com.

¹ “Cornelius Tacitus foi o maior historiador que o mundo romano produziu” (MELLOR, 1999, p. 76); “The greatest of the Roman historians” (SYME, 2002, p. 157); “Tacitus is acknowledged to be the greatest historian of ancient Rome, the *Annals* his greatest work” (WOODMAN, 2004, p. ix).

respeito das concepções de Tácito sobre a legitimidade do regime do principado e dos imperadores (muitas vezes entendidos como tiranos). Nesse período de tempo, a leitura das obras do historiador latino perpassou diferentes concepções de História e de Retórica, passando de leituras realizadas no contexto de crise da *historia magistra vitae* (século XIX), para uma *Geschichte*, nos moldes alemães, onde as obras taciteanas passaram a ser entendidas como “literatura”. Desde que essa nova história científica e pragmática era compreendida no âmbito da narrativa e da investigação documental, através da crítica e da veracidade das fontes utilizadas na empreitada histórica, Tácito não era entendido como um historiador no sentido moderno e científico.

Sobre o historiador *Gaius* [ou *Publius*] *Cornelius Tacitus* as dúvidas começam pelo seu *praenomen*: Gaius ou Publius?² Tácito nasceu entre os anos de 55 ou 56 d.C.;³ não sabemos ao certo sua data de nascimento nem o lugar preciso em que tal nascimento se deu. Para estudiosos e biógrafos do historiador latino, ele teria nascido no sudeste da Gália Narbonense. Seu falecimento parece ter ocorrido por volta do ano 117 d.C., em Roma. Durante sua vida, de aproximadamente sessenta e dois anos, acompanhou o governo de diversos imperadores.

Sua carreira política começou durante o reinado de Vespasiano (69-79 d.C.), atuando, provavelmente, como questor. Sob o governo de Tito foi, presumivelmente, tribuno (79-81 d.C.), quando possuía cerca de vinte e cinco anos de idade (LINTOTT, 2001, p. 236). Tácito afirma em suas *Histórias* (I, 1) que “Vespasiano me honrou com as primeiras dignidades, Tito as acrescentou, e sob Domiciano cresceram ainda mais”. É claro que sua posição social elevada foi adquirida em parte por seu nascimento, por meio do qual adquiriu o *status* de equestre, herdado de um cavaleiro romano de nome Cornélio Tácito, mencionado por Plínio, o Velho (*Nat. Hist.*, 7, 76).⁴ Contudo, é consenso entre os historiadores e biógrafos de Tácito que sua ascensão política se torna mais verticalizada a partir de 78 d.C., quando se casa com a filha do cônsul Cneio Júlio Agrícola (*Agricola*, 9).

² Uma inscrição em Mylasa atesta que Tácito ali exerceu o pró-consulado nos anos 112 e 113 d.C., mas a parte onde estaria registrado o seu prenome não é legível (cf. SYME, 1967, p. 59). No século V d.C., o bispo Sidônio Apolinário menciona duas vezes o historiador Tácito com o prenome *Gaius* (*Ep.* IV, 14, 1 e 22, 2) e o mesmo se repete nos manuscritos tardios, posteriores ao século XV (Farnesiano e Vaticano 4494) das obras menores do historiador latino. O prenome *Publius* é encontrado no código Mediceo I, do século IX d.C., nos manuscritos dos livros I ao III dos *Anais* (cf. ZÚNIGA, 2002, p. xii).

³ Sigo aqui a cronologia adotada por Ronald Mellor (1999, p. 76).

⁴ *Cornelius Tacitus, eques romanus, Belgicae Galliae rationes procurans* (cf. JOLY, 2003, p. 158).

Durante os anos de 81 a 96 d.C., que correspondem ao governo de Domiciano, Tácito exerceu a sua magistratura no Senado. Em uma das passagens dos *Anais*, o autor nos oferece a informação de que no ano de 88 d.C., durante a execução dos jogos seculares, *Ludi Saeculares*, sob o principado de Domiciano, ocupou o cargo de pretor, ao mesmo tempo em que exerceu a função de sacerdote quindécenviral, ao qual pertencia “o cuidado destas festas; e os pretores eram os que mui principalmente tinham a seu cargo a execução destas cerimônias” (*Anais*, XI, 11, 3). Durante o ano de 97 d.C., Tácito, como *consul suffectus* (cônsul suplente), deu continuidade às funções de Virgínio Rufo, por ocasião de sua morte (Plínio, *Ep.* II, 1).⁵ No ano 100 d.C., sabe-se pelas cartas de Plínio, o Moço, a seu amigo Voconio Romano, que Tácito ganhou notoriedade nesta função da qual fora incumbido, defendendo os africanos numa acusação ao pró-cônsul Mário Prisco (*Ep.* II, 1).

O último cargo conhecido de Tácito é o proconsulado da Ásia Menor de 112 a 113 d.C, atestado pela inscrição de Mylasia, ainda sob o principado de Trajano. Supõe-se que tenha falecido durante os primeiros anos do principado de Adriano, na cidade de Roma.

Sobre sua educação, supõe-se que tenha sido discípulo de Quintiliano, com quem teria aprendido a arte da retórica, da oratória e desenvolvido sua eloquência.⁶ Em toda a sua vida, Tácito escreveu cinco obras, compostas entre os anos de 98 a 115 d.C., período que compreende os governos de Domiciniano, Nerva e Trajano. Suas produções históricas (*Historiae* e *Annales*) são datadas do período em que possuía mais de quarenta anos de idade e já havia exercido todos os cargos e magistraturas anteriormente citadas. Estes escritos chegaram até nós de forma fragmentária, contudo, dispomos ainda de uma grande massa literária que passaremos a apresentar.

Sua primeira obra conhecida, publicada em 98 d.C., foi uma biografia com um forte fundo etnográfico, composta por uma breve descrição da região da Bretanha e um relato sobre as conquistas romanas, que destacava a vida de seu sogro Júlio Agrícola (*De Vita Iulii Agricolae*), sendo inserida no gênero das *Laudationes Funebres*.

⁵ Para Ronald Syme, esses anos em que Tácito atuou como *consul suffectus* foram essenciais para que este conhecesse as províncias do Império (cf. SYME, 1957, p. 162).

⁶ “Em seu tempo [de Tácito], a retórica era ensinada por um mestre brilhante, Quintiliano, para quem o imperador havia instituído a primeira cátedra pública de eloquência que se criara em Roma. Naturalmente, perguntou-se se Tácito seguiu suas lições, como o fez seu amigo Plínio, o Moço. É bastante verossímil que tenha feito, mas não se pode afirmar com certeza, pois, se, em alguns aspectos, Tácito se aproxima bastante de Quintiliano, em muitos outros se afasta dele” (BOISSIER, 1934, p. 10).

Publicada no mesmo ano de 98 d.C., a *Germânia* (*De Origine et Situ Germanorum*), é fruto da experiência que o autor obteve quando procurador da Germânia Bélgica. Descreve a geografia, a vida, instituição e cultura dos germânicos (obra etnográfica). Esta obra é considerada por muitos historiadores como uma tentativa de construir um modelo de antítese do homem romano, contrapondo a pureza e a liberdade dos costumes destes “bárbaros” germânicos aos valores da sociedade romana imperial (MELLOR, 1999, p. 79)

Desde a redescoberta desse manuscrito, no século XV, alguns alemães passaram a ler essa monografia como a afirmação de seu passado nobre e sua independência nacional. Durante o Renascimento, esses escritos passaram a servir de contraste entre o germânico (puro) e o romano (corrupto), na tentativa de expurgar a igreja católica romana e a corrupção papal da nação germânica, onde fervilhavam as ideias reformistas de Lutero. No século XX, a *Germânia* foi lida pelos propagandistas do nazismo alemão como um tratado que indicava a superioridade da raça ariana (MELLOR, 1999, p. 80).

O *Diálogo dos Oradores* (*Dialogus de Oratoribus*),⁷ obra de estilo ciceroniano, foi escrita provavelmente em 102 d.C. Este texto explora uma preocupação comum também a outros autores do período imperial, debatendo as razões para o declínio da oratória. Embora não possamos saber ao certo sua autoria [ela foi atribuída a Tácito], esta obra relata um diálogo que o autor ouvira quando jovem, sob o governo de Vespasiano, acerca do declínio da eloquência.

Publicada em 109 d.C., as *Histórias* (*Historiae*), obra inicialmente composta por doze volumes (conservaram-se apenas os cinco primeiros livros em apenas um único manuscrito medieval), nos apresentam a narrativa dos eventos que transcorrem desde o dia primeiro de Janeiro de 69 d.C – o dia em que as legiões de *Moguntiacum* recusaram a aliança com Galba - até o final do governo de Domiciano, em 96 d.C.

Os *Anais* (*Annales*), escritos durante os anos de 115⁸ e 120 d.C., compõem um conjunto de dezesseis livros (estima-se que talvez fossem, originalmente, dezoito). O conteúdo da obra corresponde ao final da vida do imperador Augusto e a ascensão de Tibério ao poder, em 14 d.C., até os anos finais do governo de Nero.⁹ Esta obra, como a grande maioria da tradição textual antiga

⁷ Esta obra foi atribuída a Tácito devido à descoberta de um códice no monastério de Hersfeld, na Alemanha, no século XV. Neste códice, estavam compiladas as chamadas obras menores (*Germânia*, *Vida de Agrícola* e *Diálogo dos Oradores*). Cf. JOLY (2003).

⁸ Alguns acontecimentos relatados em *Anais* II, 56, 60 e 61 correspondem ao ano 115 d.C.

⁹ A narrativa se interrompe em *Anais* XVI, 35. Supõe-se que Tácito teria escrito até a morte de Nero, em 68 d.C.

preservada, não foi conservada em sua totalidade – apenas dois terços foram preservados para as gerações futuras. Os livros que nos restam são: os livros I a IV, o início do V, o livro VI (incompleto) e os livros XI (sem o início) a XVI (sem o final).

Os *Anais* e as *Histórias* chegaram até nós graças a dois códices: *Mediceus prior*¹⁰ e *Mediceus alter*.¹¹ O primeiro é datado da segunda metade do século IX d.C. e o segundo de meados do século XI. O *Mediceus alter* contém os seis últimos livros que conhecemos dos *Anais* (XI-XVI), e imediatamente depois, com a numeração sequenciada, e sem título, os quatros primeiros livros completos das *Histórias* e um breve fragmento do quinto (XVII-XXI); o *Mediceus prior*, sob o título de *Ab excessu diuini Augusti libri*,¹² contém os quatro primeiros livros dos *Anais*, os cinco primeiros capítulos do livro V (o quinto capítulo está pela metade) e a parte final do livro VI (cf. ZÚÑIGA, 2002, p. xviii).

Como afirma Juliana Bastos Marques, as análises das obras taciteanas sempre estiveram relacionadas com o problema de definição do poder e das relações sociais derivadas ou determinantes do mesmo (MARQUES, 2008, p. 1). Dessa maneira, nos cabe destacar algumas leituras disponíveis sobre Tácito, tendo em vista que seria impossível para um pesquisador esgotar o assunto, já que uma lista hipotética de textos e autores que compõem essa tradição poderia começar no século III d.C., quando o imperador Tácito, que se dizia parente do historiador, ordenou que seus escritos fossem compilados anualmente (*Historia Augusta*, Tac., X), e prosseguir até o nosso século, perpassando pelas leituras renascentistas e pela contestação dos regimes absolutistas.

RECEPÇÃO DAS OBRAS DE TÁCITO

Tácito não foi um autor muito influente na Antiguidade. Suas obras foram re-lidas durante o império Carolíngio e, depois, só voltaram à tona no ano de 1570, com o trabalho dos humanistas Muretus (1506-1585) e Lipsius (1547-1606). Segundo Ronald Mellor, Tácito não foi um historiador muito

¹⁰ O *Mediceus prior*, que, no século XVIII, passou a formar parte da Biblioteca Laurenziana de Florença, sob o registro LXVIII, 1, foi encontrado na abadia de Korvey, em Westfalia, nos finais do século XV. Dali foi transferido para a Itália e, em 1509, passou para as mãos do cardeal Juan de Medicis que, ao assumir o pontificado sob o nome de Leão X, encarregou o humanista Filippo Beroaldo de sua impressão, que foi concluída no ano de 1515 (cf. ZÚÑIGA, 2002, p. xviii).

¹¹ O *Mediceus alter* foi copiado em letra lombarda, em meados do século XI, na abadia de Monte Casino. No ano de 1370 foi descoberto por Boccaccio, que o transferiu para Roma. Posteriormente, esse manuscrito passou para o convento de São Marcos, em Florença, para a Biblioteca Laurenziana, sob o registro LXVIII, 2 (cf. ZÚÑIGA, 2002, p. xviii).

¹² Contudo, passagens da própria obra fizeram com que o seu título permanecesse *Anais* (IV, 32,1; II, 65; XIII, 31,1).

estudado entre os cristãos da Antiguidade Tardia e na Idade Média (MELLOR, 1999, p. 76), e pouco sabemos sobre a preservação de suas obras antes do século XIV, quando seus manuscritos foram encontrados por Boccaccio.

Fábio Duarte Joly considera que a tradição europeia de se pensar a obra de Tácito foi inaugurada com a redescoberta de seus manuscritos no século XV. Esse fato permitiu a inserção do historiador na agenda do pensamento político europeu, tendo em vista o primeiro comentário político de sua obra, em 1580, pelo historiador italiano Guicciardini, que considerava o historiador latino como “um guia para a vida na corte e para o exercício do poder monárquico” (JOLY, 2004, p. 40).

Um dos expoentes do pensamento da tradição taciteana, Arnaldo Momigliano, publicou um capítulo intitulado “Tácito e a tradição taciteana”, no qual analisa as leituras que foram realizadas das obras do historiador latino até o século XX. Para o autor, as obras históricas, *Anais* e *Histórias*, foram apreendidas pelos pensadores políticos dos séculos XVIII e XIX como uma crítica ferrenha ao autoritarismo imperial, o que lhes permitiu ser apropriadas e valorizadas em um contexto de crítica política às monarquias europeias – entre o Renascimento e o século XVIII – e até mesmo aos regimes nazista e fascista da primeira metade do século XX. Segundo Arnaldo Momigliano (2004, p. 157),

Ele [Tácito] atuou em dois campos diferentes. Em primeiro lugar, ele ajudou os alemães a reafirmar sua nacionalidade e conseqüentemente a atacar o domínio político para aqueles que governavam e que eram governados. Aos primeiros ensinou mais do que um truque e aos segundos alertou que esses truques eram inevitáveis: cada um precisava conhecer o seu lugar.

Momigliano também considera que o verdadeiro objetivo de Tácito era desmascarar o governo imperial, fundado na corrupção, hipocrisia e crueldade (MOMIGLIANO, 2004, p. 167). Para realizar tal tarefa embasada em uma história como fonte de exemplos (*historia magistra vitae*), escrita *sine ira et studio*, o historiador latino combate ferrenhamente as ações vergonhosas ocasionadas pela “prostituição da aristocracia romana” (MOMIGLIANO, 2004, p. 169). Como exemplo, sob o governo de Tibério, Tácito relata que o Senado recorria “a mil adulações e torpezas” (*Anais* IV, 74, 2) somente para desviar os pavores internos ocasionados pelo poder tirânico do *princeps*. Essa tirania é representada, segundo Tácito, pela perda da liberdade de expressão, e os homens que estão prontos

a renunciar a liberdade pela adulação passam a ser uma origem do mal e um sintoma deste mesmo mal no relato de Tácito. Para o autor,

o ensinamento de Tácito sobre o despotismo era ambivalente. Não pretendia jamais encorajar revoluções, mas, sem dúvida, abria os olhos de quem se preocupasse em ver os efeitos do despotismo. Outras pessoas poderiam tomar seus ensinamentos como uma lição temática sobre a arte de governar, uma lição de realismo (MOMIGLIANO, 2004, p. 170).

Contudo, a análise de Momigliano contempla os pensadores políticos que escreveram em inglês, francês, alemão ou italiano, deixando de lado a tradição lusitana em seus estudos sobre as obras de Tácito.

Segundo Moses Hadas, em 1837 existiam 393 versões completas dos trabalhos de Tácito traduzidos para o italiano, francês, alemão e inglês, e ainda existiam centenas de outras cópias em todas “as línguas civilizadas” (HADAS, 1942, p. v). É difícil precisar o que o tradutor dos *Anais* estava destacando como línguas civilizadas. O fato é que nos comentários sobre traduções ou sobre a tradição de se pensar as obras de Tácito não encontramos, no estudo dos classicistas especializados na tradição taciteana, referências sobre os estudos em língua portuguesa – apesar de, em 1830, já haver sido publicada uma versão dos *Anais*. Nas palavras do primeiro tradutor para o português:

Não há nação alguma culta na Europa, que não tenha na sua literatura nacional diversas traduções das obras de Tácito. Somente Portugal tem até agora sido uma notável exceção nesta tendência geral do mundo literário para dar a conhecer o merecimento desse grande, e por assim dizer, incomparável escritor (CARVALHO, 1830, p. 1).

Nesse contexto de uma tradição europeia envolvida na luta contra o poder tirânico, encontramos na biblioteca de obras raras da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto uma tradução da obra *Annaes*, de 1830, realizada por José Liberato Freire de Carvalho. Esta obra, na verdade, é o resultado da empreitada do tradutor, iniciada em 1820,¹³ ou seja, à época das disputas contra o absolutismo português e às vésperas da revolução liberal do Porto (CARVALHO, 1830, p. 1), quando foram publicados os dois primeiros livros dos *Anais* em um jornal intitulado *O campeão português*.

Nascido em Quinta de Monte São, uma freguesia de São Martinho

¹³ “Os dois primeiros livros destes Annaes já foram impressos, e publicados nos anos de 1820 e 1821 no *Campeão Português* em Londres; mas as várias, e quase sempre desassossegadas circunstâncias da minha vida não me permitiram até hoje fazer a publicação completa desta obra” (CARVALHO, 1830, p. 2).

do Bispo, aos arredores de Coimbra, em 20 de julho de 1772, José Liberato Freire de Carvalho foi um frade da Ordem dos Cômegos regrantes de Santo Agostinho, jornalista, deputado e membro da Academia Real das Ciências de Lisboa. Em 1813, quando terminava a tradução dos *Annaes* foi forçado a sair de Portugal e se exilar na Inglaterra. Segundo o autor, na advertência que faz antes da tradução da obra de Tácito,

a tradução dos *Anais* de C. Tácito, que vou publicar, e tenho a honra de oferecer aos Senhores leitores do *Campeão Português*, foi acabada, e concluída, como agora aparece, no dia 14 de Fevereiro de 1813. Sendo, porém forçado a sair de Portugal seis meses depois desta época, já fatigado de sofrer uma prolongada, bárbara, e despótica perseguição de mais de dois anos, sem processo nem sentença, vim refugiar-me em Londres. Variaram, por conseguinte, minhas ocupações, e por efeito delas não me foi possível até hoje achar tempo desocupado para me dar a uma séria revisão deste meu trabalho. Receando, porém perder todos os frutos deles, por continuarem ainda as mesma ocupações, resolvi-me, enfim a publicar esta minha tradução, tal e qual a deixei acabada em 1813 (CARVALHO, 1830, p. 3).

Posteriormente, nessa mesma seção de advertência, o autor indica motivos pessoais, os quais levaram ao interesse em satisfazer as necessidades de seu espírito e desmascarar o governo tirânico português (CARVALHO, 1855, p. 71). Segundo Carvalho (1820, p. 4), “tenho ainda outra razão muito particular para publicar esta minha tradução, bem que imperfeita: que ela nasceu, e se concluiu entre os ferros e na obscuridade e tormento das prisões”.

Em 1811, o tradutor dos *Annaes* foi preso no Convento de Sta. Cruz de Coimbra a mando de três reverendos eclesiásticos no dia 28 de maio, e somente pode obter a sua liberdade em 1813. Neste ano se refugiou na Inglaterra, “persuadido de que o fugir à tirania não é por leis divinas ou humanas crime, nem delito”, sem mesmo saber qual o motivo de sua prisão tão prolongada, “porque nunca fui processado nem julgado, e até nem mesmo interrogado por o Corregedor de Coimbra a quem se mandou ordem de prender-me” (CARVALHO, 1820, p. 4).

O mesmo tradutor nos legou uma “memórias” sobre a sua vida. Escrita na década de 1850, o autor reflete sobre esse mesmo momento em que estava a publicar a tradução dos *Anais*. Precisamente em 30 de julho 1853, quando escrevia sobre acontecimentos ocorridos nas primeiras décadas do século

XIX, Carvalho publica em suas memórias o primeiro contato que teve com a obra de Tácito:

Ora neste tempo tinha eu uma pequena preciosidade, que, ao menos julgava como tal, e esta preciosidade (não se riam os meus leitores) era um pequeno livro latino do formato 24, que continha todas as obras de Tácito, e da edição de Amsterdã do ano 1734, livrinho, que ainda hoje conservo. Junto dele, que me era inseparável, trazia eu já um pequeno manuscrito da tradução de toda ou a maior parte do primeiro capítulo dos *Annaes*, tradução feita, por assim dizer a esmo, sem a menor lembrança de que um dia, mais castigada, apareceria no mundo. Assim mesmo eu já lhe tinha muito amor, e ainda direi como escapou deste naufrágio, e passados muitos meses me veio ter à mão, quando eu menos o imaginava. Meti esta minha preciosidade dentro de uma das botas, e pedi que me levassem em um dos carros (CARVALHO, 1855, p. 71).

Nessas duas passagens podemos perceber que o tradutor tomou contato com a “preciosidade” da obra de Tácito na Holanda, sendo necessário escondê-la em uma das botas para que pudesse transportá-la em segurança. Outro detalhe importante é que, na passagem anterior, Carvalho nos indica que começou a sua tradução em uma prisão (quando acusado de militar contra o poder tirânico de Portugal).

A publicação das traduções dos livros dos *Anais* foi realizada no *corpus* do jornal *Campeão Português, o Amigo do Rei, e do Povo*, produzido pelo próprio José Liberato Freire de Carvalho. A primeira edição desse jornal é datada do dia primeiro de julho de 1819, quando Carvalho se encontrava exilado na Inglaterra. Para Liberato, “o povo português da Europa tem dado um grande exemplo de patriotismo e virtudes militares nos sete anos desde 1808 até o fim de 1814, mas que ganhou Portugal com tamanhas batalhas que pelejou, e tamanhos e tão heróicos sacrifícios que fez?” (CARVALHO, 1855, p. 192-193). Sua grande crítica concernia à ruína de cadáveres de uma gente que lutou pela sua pátria e que em seu tempo encontrava um país sem governo próprio da sua categoria e sem “a posse exclusiva de suas próprias riquezas, que o Brasil desumanamente lhe devora em homens e dinheiro” (CARVALHO, 1855, p. 192-193). Para ele, Portugal era um tristíssimo exemplo das vicissitudes humanas.

Posteriormente, quando faz uma digressão sobre esses acontecimentos que antecederam a publicação de sua obra, Carvalho chama a atenção do leitor de suas memórias e reflete a respeito do momento em que decidiu traduzir a

obra de Tácito. Contudo, o fato de maior importância em sua descrição é que o tradutor se diz identificado com o pensamento do historiador latino, como se nas palavras de Tácito transparecessem as preocupações de seu próprio espírito:

Como veio a pelo o falar deste pequeno incidente, direi ainda como se originou em mim a ideia de traduzir os *Annaes* de Tácito. Estando eu em Coimbra, depois da minha saída de Lisboa, como já disse, passou por ali José Ferreira de Moura, que também vinha fugindo de alguma perseguição que lhe estivesse preparada. Disse-me meu amigo, não estamos em estado de tratar de política; eu vou para a minha terra, mas seria bom que os amigos sempre se correspondessem por alguma maneira. Eu respondi-lhe, estou por isso; e lembra-me, que cada um de nós traduza um capítulo de Tácito, principiando pelo primeiro dos *Annaes*, e o remeta um ao outro, para que cada um o corrija, e sobre a tradução faça imparcialmente as suas observações. Concordamos nesta correspondência, e daqui nasceu ter eu já o manuscrito de que a pouco falei. É preciso que diga que tive sempre uma grande paixão pelas obras de Tácito, porque nelas achava estampados os meus próprios sentimentos. Fui sempre, como ainda sou, inimigo irreconciliável de tudo o que é tirania, absolutismo, e abuso de poder; e com este caráter que recebi da natureza, e pelo muito que tenho sofrido pelos abusos desse mesmo poder, me propus a traduzir todos os *Annaes*, que senão é obra perfeita, ao menos, foi uma porta que abriu para melhores tradutores, e com este trabalho satisfiz o meu espírito, consolando-me de pôr em português os crimes dos tiranos, que do coração aborreço (CARVALHO, 1855. p. 71).

Em 1863, é publicado em *O Instituto: Jornal Científico e Litterario*, da Universidade de Lisboa, um comentário sobre a biografia de José Liberato Freire de Carvalho, que identifica o tradutor como um defensor das idéias liberais, pelas quais “foi já então perseguido [...], e desterrado para o convento de Refoios de Lima onde esteve até 1808”.¹⁴ Segundo o *Jornal*,

É fidelíssimo o esboço, que foi ele dos homens mais beneméritos da revolução liberal. Auxiliou-a com a luz do seu engenho, deu-lhe o suor das suas fadigas; fazenda, liberdade, existência, bens para o homem mais preciosos, tudo expôs pela sua causa. E, remate de seu desinteresse com abnegação, desceu à sepultura sem as honras efêmeras da vaidade humana.¹⁵

A tradução de Freire de Carvalho, que analisamos, avançou décadas e

¹⁴ *O Instituto: Jornal Científico e Litterario*. Volume undécimo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1863. p. 161.

¹⁵ *O Instituto: Jornal Científico e Litterario*. Volume undécimo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1863. p. 160.

foi base para os estudos sobre Tácito em Portugal. Em 1867, no semanário ilustrado *Archivo Pittorresco* é publicado um artigo de autoria de José Silvestre Ribeiro e intitulado “O Paradoxo da Reabilitação de Tibério”, onde o autor busca fazer uma reavaliação, a partir da sua leitura de Tácito,¹⁶ da produção alemã, representada por Adolpho Stabr, e da produção francesa, representada por Gaston Boissier, e seus estudos sobre os delatores na corte de Tibério. O contraponto com as perspectivas levantadas para o debate é que os historiadores citados indicavam que apesar de toda a tirania de Tibério, as províncias viveram em grande felicidade e as queixas eram somente dos cidadãos que habitavam a cidade de Roma. A infelicidade de poucos não era comparada com o bem geral do império (RIBEIRO, 1867, p. 350).

Silvestre Ribeiro viu em Tácito um historiador tipicamente moderno, que submetia à crítica os testemunhos (e somente admitia, como informação sob a qual assentava seu trabalho, os testemunhos julgados confiáveis). Mas o seu texto é principalmente revelador da mentalidade portuguesa do século XIX; Ribeiro combate as idéias alemãs e francesas de que a tirania também se enraizava no comportamento dos senadores e dos membros da corte. Para o autor, a reabilitação de Tibério era insustentável!¹⁷ A tirania era apenas um produto dos tiranos.

Encontramos também outras referências a traduções das obras de Tácito datadas do início do século XIX. O próprio José Liberato Freire de Carvalho se refere à leitura que realizou da obra *Histórias*:

Ao ver aquele vasto recinto com a sua nave grandiosa, da qual dizem os entendedores que uma das obras mais perfeitas da arquitetura gótica, lembrei-me logo de uma passagem das *Histórias* de Tácito, nas quais falando do grande Pompeu, quando entrou no templo de Jerusalém, e quis ver o misterioso santuário, denominado o *Saneia Sanclorum*, onde ninguém entrava senão o grande sacerdote, diz: que nele não vira senão *Vacuum sedem, et innania arcana*, isto é, só quatro paredes, sem vestígio de religião ou de culto! (CARVALHO, 1855, p. 175).

Como dissemos anteriormente, José Liberato Freire de Carvalho foi o primeiro tradutor de Tácito para o português. Contudo, isso não significa que inexistissem outras traduções, para outras línguas, disponíveis em Portugal.

¹⁶ José Silvestre Ribeiro indica que utilizou justamente a tradução de José Liberato Freire de Carvalho dos *Annaes*, de 1830 (RIBEIRO, 1867, p. 350).

¹⁷ “A reabilitação de Tibério é insustentável. Lastimemos a degradação a que chegou a humanidade no tempo daquele tirano, tão cruel como desprezível; e agradeçamos à Providencia a grande fortuna, que é dado antever, de que jamais os povos terão que sofrer um tão detestável e execrando governo” (RIBEIRO, 1867, p. 351).

Assim, ele se refere a traduções que o auxiliaram durante a sua empreitada, como “uma bela edição de Brottier com muitos comentários, notas, e os suplementos, que fez aos livros que se perderam de Tácito, e com ela outra muito ilustrada edição alemã de 1801, feita por Oberlina” (CARVALHO, 1855, p. 115).

O esforço de Carvalho foi recompensador para a inauguração dos estudos sobre Tácito em Portugal no século XIX. Essa tendência é observada no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de 1862:

Temos a tradução dos *Annaes*, por José Liberato Freire de Carvalho (*Diccionario*, tomo iv, n. J, 3915); *Vida de Agrícola*, *Costumes dos Germanos e Dialogo dos oradores*, pelo sr. D. José Maria de A. A. Corrêa de Lacerda (idem, tomo v, n.a J, 4041); o *Livro 1. dos Annaes*, pelo P. Forjo (idem, tomo v, n.º J, 1903) que deixou manuscrita a tradução completa de todas as obras, cujo autografo comprara a poucos anos o falecido Rodrigo da Fonseca Magalhães. E finalmente a antiga versão [...] dos três primeiros livros dos *Annaes*, por Luis do Couto Félix (idem, tomo v, n.º L, 502).¹⁸

Nosso intuito nesse artigo foi de trazer à luz a primeira tradução realizada das obras de Tácito para a língua portuguesa. Esse estudo realizado por José Liberato Freire de Carvalho ainda permanece como a principal das traduções que temos da obra de Tácito para a nossa língua¹⁹ sendo bem preservado nas outras edições em que foi reproduzido, conservando as notas e a organização do texto.

As obras de Tácito foram utilizadas por essa tradição de pensamento europeu que vai do início do século XV até meados do século XIX como um manual para a contestação dos regimes absolutistas europeus. De outro modo, poderíamos traçar um paralelo com a leitura de suas obras pelos próprios homens de Estado, como no contexto da elaboração da constituição norte-americana²⁰ e pelas cartas publicadas do estadista americano Thomas Jefferson e nas “Memórias de Christina Rainha de Suécia” (1632-1654).²¹ Essas

¹⁸ *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva. Tomo septimo. Imprensa Nacional: Lisboa, 1862. p. 382.

¹⁹ Como exemplo: TÁCITO. *Anais*. Trad. J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1952. (Clássicos Jackson, v. XXV).

²⁰ O professor do Classical Studies Program at Christopher Newport University (Newport News, VA), David Pollio, publicou estudos em um blog a respeito da leitura de Thomas Jefferson das obras de Tácito, relacionando essa preocupação com o momento da elaboração da constituição norte-americana (1776) e a luta contra a tirania, no início do século XVIII. Cf. <http://lehrman.isi.org/blog/post/id/180/> (acessado em 23 de junho de 2010).

²¹ *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo I (1780-1788). Lisboa: Typografia da Academia, 1797. p. 557.

preocupações, contudo, foram esvaziadas no contexto do estabelecimento da História como ciência, no século XIX, e a crise da formulação ciceroniana da *historia magistra vitae* frente a uma história linear de cunho científico (KOSELLECK, 2006, p. 41-60). As obras de Tácito foram entendidas pelos intelectuais europeus como “literatura”, ou seja, um constructo totalmente diferente dos moldes da *Geschichte*, preocupada com a veracidade dos fatos e com a sequência unificada dos eventos.

Assim, podemos perceber que a preocupação do tradutor José Liberato Freire de Carvalho condiz com a efervescência dos movimentos liberais europeus e a contestação dos regimes absolutistas. A solução teórica para esses pensadores do século XIX foi a de buscar nos autores antigos a base para a sua contestação. Tácito, então, foi um dos autores que foram amplamente estudados.

Para finalizar este artigo recorreremos mais uma vez às palavras de Carvalho, que resumem o pensamento da época e a necessidade de se ler Tácito:

Mostrei em toda a serie do meu primeiro volume o que haviam de mister os portugueses para recobrar a liberdade que lhes tinham usurpado; e por isso lhes expliquei quais eram as suas verdadeiras garantias, indicando-lhes praticamente como elas até ali se lhes tinham roubado. E para lhes tornar mais palpáveis estas garantias, fui misturando-as com muitos fatos da nossa história, e com muitos exemplos práticos do que tínhamos sido, e como a nossa monarquia não era a de um governo absoluto, mas de um verdadeiro governo constitucional. E por uma exata conclusão mostrei-lhes, assim como aos homens que nos governavam, que não era eu que devia ser considerado como revolucionário por lhes expor estas verdades de fatos, porém que os verdadeiros revolucionários eram o nosso governo atual, e os antecedentes, com especialidade desde o reinado de D. João V, porque tinham completamente destruído a nossa antiga Constituição com que se organizou a monarquia, e por muitos anos foi regida. Assim, era preciso que o governo revolucionário em que estávamos acabasse, e se nos restituísse um governo legal, e só isto era o que eu pedia, porque, como português, tinha direito para o pedir (CARVALHO, 1855, p. 196).

Portanto, retomando o texto que serve de epígrafe a esse artigo, podemos perceber que os ensinamentos de Tácito nos auxiliam, muitas vezes, a compreender o processo de governo ou de organização social de diferentes

momentos históricos. Para Liberato, suas idéias foram compatíveis com seu ânimo de lutar contra a tirania e contestar toda e qualquer aparência dos atos tirânicos, tais como foram desmascarados por Tácito. E o tradutor fez um grande esforço, em uma época em que a oposição política implicava riscos, no sentido de transportar seu mundo para a leitura dos *Anais*, assim como o aprendizado desta obra seria transportado para as suas experiências e a leitura do seu próprio mundo, muitas vezes mesclando seus sentimentos com os do historiador latino.

AN OVERVIEW OF THE SCHOLARLY PRODUCTION ON TACITUS IN THE NINETEENTH CENTURY PORTUGAL

ABSTRACT

This article aims to analyze the critical studies on Tacitus in Portugal in the nineteenth century. Our proposal is to present some of the readings taken at the Lusophone writers who accompanied the great European tendency to read the works of the Latin historian as one of the basis in the objections to the absolutist regimes. This work is part of a debate on the reception of Tacitus writings in Portugal and Brazil. For this purpose, and considering the exposure of this work, we will analyze the first translation of the Annals of Tacitus to Portuguese and relate it to the context of the struggle against the absolutist regime and the rise of the liberal movements in Portugal.

KEY-WORDS: *Absolutism. Portugal. Tacitus.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES: EDIÇÕES DAS OBRAS DE TÁCITO

TÁCITO. *Anais*. Trad. J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1952. (Clássicos Jackson, v. XXV)

TACITUS. *The Annals*. Translated by A. J. Woodman. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.

TACITUS. *The Histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

BIBLIOGRAFIA

BOISSIER, G. *Tácito*. São Paulo: Ed. Difusão S/A, 1934.

CARVALHO, J. L. Freire de. “Advertência”. In: TÁCITO. **Annaes de Cornelio Tácito**. Londres: D. Thompson, Great St. Helens, 1820.

_____. “Prólogo”. In: TÁCITO. **Annaes de Cornélio Tácito**. Paris: Officina Typographica de Casimir, 1830.

_____. **Memórias da vida de José Liberato Freire de Carvalho**. Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1855.

HADAS, Moses. “Preface and Introduction”. In: _____. **The complete works of Tacitus**. Translated from the Latin by A. J. Church and W. J. Brodribb. New York: Modern Library, 1942. p. v-xxv.

JOLY, F. D. História e retórica em Tácito. In: LOPES, M. A. (Org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

_____. **Tácito e a metáfora da escravidão**. São Paulo: Edusp, 2004.

KOSELLECK, R. *Historia magistra vitae* – sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: _____. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 41-60.

LINTOTT, Andrew. Roman historians. In: BOARDMAN, J.; GRIFFIN, J.; MURRAY, O. (Org.). **The Oxford illustrated history of the Roman world**. v. II. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MARQUES, J. B. Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito. **Revista Aletheia**, v. 1, n. 1, p.1-11, 2008.

MELLOR, R. **The Roman historians**. London: Routledge, 1999.

MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. M. B. B. Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.

RIBEIRO, J. Silvestre. O paradoxo da reabilitação de Tiberio. **Archivo Pittoresco**, v. X, p. 350-351. Lisboa: Typographia de Castro Irmão, 1867.

SYME, R. How Tacitus Came to History. **Greece & Rome**, 2nd ser., v. 4, n. 2, p. 160-167, 1957.

_____. **Tacitus**. London: Oxford University Press, 1967.

_____. **The Roman revolution**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WOODMAN, A. J. Introduction. In: TACITUS. **The Annals**. Translated by A. J. Woodman. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.

ZÚÑIGA, J. Tapia. Prólogo. In: TÁCITO, Cayo Cornelio. **Anales**. Trad. J. Tapia Zúñiga. México – Ciudad Universitaria: Universidad Nacional Autónoma de México, 2002, p. 9-34. (Bibliotheca Scriptorvm Graecorvm et Romanorvm Mexicana)